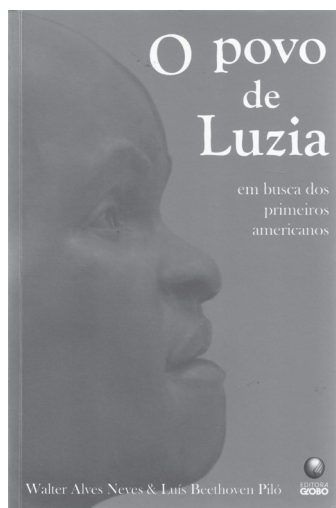


RESENHA DE LIVROS

RESENHA DE LIVRO



O POVO DE LUZIA, EM BUSCA DOS PRIMEIROS AMERICANOS, de Walter A. Neves e Luís B. Piló. São Paulo: Globo, 2008. 334 p.

Hilton P. Silva

Professor-Pesquisador Visitante do Instituto de Ciências Biológicas e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Pesquisador Visitante do Museu Paraense Emílio Goeldi & Professor Adjunto do Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Embora em anos recentes tenham saído no Brasil alguns livros abordando o tema do povoamento pré-histórico das Américas (Pena 2002, Hubbe et al 2003, Silva e Rodrigues-Carvalho 2006, Goulard 2006 – este último com erros graves), ainda há poucas publicações disponíveis em português sobre bioantropologia e arqueologia dos primeiros povos a ocupar o continente america-

no. A maior parte do material tem sido publicada na forma de artigos científicos e em língua inglesa (Guidon 2005). Na verdade, ainda há poucas pessoas pesquisando sobre esse tema no Brasil, e embora o trabalho de Walter Neves, do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos da USP, seja reconhecido internacionalmente, a questão do povoamento pré-histórico do continente ainda representa um grande desafio aos estudiosos de todo o mundo. Quem eram, quando e como chegaram aqui os primeiros seres humanos, e quais as suas relações biológicas, são questões que tem gerado acalorados debates há mais de um século (de Souza et al 2006).

O Povo de Luzia, Em Busca dos Primeiros Americanos é dividido em oito capítulos; o primeiro é uma síntese sobre evolução humana. O material apresentado é interessante por sua introdução às questões evolutivas no cenário dos antepassados humanos, mas deixa muita coisa de fora, e tem alguns erros, incongruências e falhas de digitação (páginas 37, 40, 43, 51 e 58), sendo algumas vezes teleológico na discussão sobre as diferentes espécies de homíníneos do passado. Atualmente, é um grande desafio para qualquer autor selecionar o que incluir e o que deixar de fora em função do grande volume de informações e debates disponíveis sobre evolução humana. No entanto, caso se decida por apresentar tais informações, essa decisão deve ser balanceada com a necessidade de apresentar os dados da maneira mais consistente possível, e nesse capítulo isso não foi muito bem sucedido, o que é surpreendente, dado ao extenso conhecimento de W. Neves sobre o tema.

O segundo capítulo faz uma abordagem ampla sobre os diferentes modelos de ocupação humana do continente propostos ao longo das últimas décadas, debatendo principalmente o modelo chamado “Clovis First”, que sugere que os primeiros ocupantes das Américas eram caçadores de grandes mamíferos, que teriam vindo para a América do Norte através do Estreito de Bering seguindo os grupos de animais que se deslocavam através de um corredor livre de gelo no norte do Canadá por volta de 11 – 12 mil anos atrás. Por esse modelo, os sítios arqueológicos mais antigos estariam na América do Norte; logo, a maioria dos autores norte-americanos se recusa a admitir sítios de antiguidade maior que 11 mil anos na América do Sul. Neves tem combatido essa perspectiva há décadas, tendo como base o esqueleto de Luzia, que dá nome ao livro, e diversos outros achados, principalmente na América do Sul. O nome Luzia é uma referência a Lucy, cujo nome científico é *Australopithecus afarensis*, um ancestral humano descoberto em 1974 na Etiópia e considerado, até o momento, o primeiro de nossa linhagem; é, também, o nome da mãe de Walter, que batizou o crânio do Museu Nacional, na década de 1990. Descoberto em Lagoa Santa em 1972, esse material é o conjunto esquelético humano cientificamente datado mais antigo já achado nas Américas. Mas tem sido sistematicamente excluído das investigações e publicações de pesquisadores norte-americanos. Neves e Piló tecem críticas contundentes a essa exclusão e à visão limitada ainda perpetrada nos livros

e em muitos artigos publicados nos EUA. Para se contrapor a esses autores, este livro se dedica em profundidade aos sítios mais antigos com restos humanos no continente, localizados em Lagoa Santa, Minas Gerais, onde viveram Luzia e seu povo.

O terceiro capítulo apresenta a história das investigações arqueológicas em Minas Gerais e articula bem com a perspectiva mais ampla da história das ciências no século XIX (Blumenbach, Cuvier, Darwin, Lyell) e com as pesquisas do início do século XX (Padberg-Drenkpol, Walter, Cathoud, Laming-Empeire). O dinamarquês Peter W. Lund (1801-1880), patrono da paleontologia brasileira, é a figura central das pesquisas, pois propôs, acertadamente, que os ossos humanos por ele encontrados seriam de grupos que teriam convivido ali com animais enormes já extintos, como as preguiças gigantes, os tigres de dentes de sabre, e tatus quase do tamanho de um fusca. Porém pensava que eles teriam se originado, ou sido criados por Deus, no próprio continente americano, uma falha hoje perdoável, uma vez que, em sua época, quase nada se sabia sobre a origem e as migrações das populações humanas do passado. Ele foi o primeiro a chamar a atenção internacional para a região e levou vários materiais importantes do Brasil para museus europeus, principalmente de seu país natal. A história detalhada das pesquisas em Lagoa Santa precisava ser mesmo contada e este capítulo é um relato preciso dos primórdios da paleontologia e da arqueologia no Brasil.

O capítulo quatro começa com uma boa explicação sobre craniometria,

caracteres não-métricos e as bases das mudanças que levaram da antropologia física para a antropologia biológica no século XX. Os autores aproveitam para dar uma “bronca” nos “velhos” bioantropólogos e arqueólogos brasileiros, com quem Neves teve muitos embates ao longo das últimas décadas, por diversas razões teóricas e práticas. O capítulo apresenta alguns relatos de bastidores e das disputas de idéias sobre o povoamento das Américas entre o século XIX e o século passado. As figuras do capítulo apresentam alguns problemas. A figura 4.4 é muito pequena e de difícil visualização e as figuras 4.4, 4.10, 4.14 e 4.15 são redundantes. O quinto capítulo apresenta a geografia e a geologia da região e é o mais monótono. Porém, é fundamental para se compreender a área e os achados de Lagoa Santa. Infelizmente o capítulo tem alguns erros tipográficos nas datações apresentadas nas páginas 200 e 201, o que dificulta a compreensão pelos não iniciados. A parte mais divertida é a que discute os sedimentos fossilíferos animais.

O próximo capítulo apresenta o projeto “Origens e microevolução do homem na América: uma abordagem paleoantropológica”, desenvolvido pelo grupo dos autores a partir de 2000. O capítulo discute a metodologia do projeto brevemente, mostra os avanços técnicos das pesquisas arqueológicas no Brasil a partir dos estudos recentes em Lagoa Santa, fala dos louros e resultados do projeto, e apresenta algumas das questões ainda por responder no que diz respeito às pesquisas na região. Este é um dos maiores e mais caros projetos

arqueológicos/paleoantropológicos já realizados no Brasil e vem demonstrar que é possível fazer pesquisa integrada e sofisticada sobre esses temas no país. Sendo predominantemente metodológico, esse é também um capítulo monótono, mas propicia uma boa discussão sobre paleodietas e estilo de vida na pré-história brasileira e sobre técnicas avançadas de pesquisa arqueológica.

O capítulo sete é sobre a ecologia humana do que os autores consideram o povo de Luzia. A discussão é feita a partir dos achados da equipe em campo e de comparações etnográficas com grupos históricos. Os autores classificam os restos culturais e biológicos encontrados como uma “etnia”, porém, como não é possível resgatar aspectos como crenças, ritos, valores, normas culturais, regras e práticas de conduta social e língua no contexto arqueológico, possivelmente seria melhor chamar o conjunto de uma “cultura”, tal como os arqueólogos definem, a partir de cerâmicas e outros indícios.

O último capítulo é sobre “Questões para o futuro”. Nele os autores discorrem sobre que estudos ainda são necessários para que se possa chegar a conclusões mais precisas sobre a ocupação pré-colonial do continente Americano. Eles indicam a necessidade de realizar mais pesquisas sobre a ocupação da região mais antiga (contemporânea a Luzia) de Lagoa Santa para conhecer melhor o tempo e modo de ocupação, a ecologia e o paleoclima da área, e de buscar mais esqueletos para que se possa compreender a biologia e a aparência dos primeiros povoadores, uma vez que ainda há considerável debate

sobre se eles eram ou não relacionados aos grupos indígenas da atualidade.

Há alguns problemas no livro que precisarão ser corrigidos, caso haja uma nova edição. Ocorrem muitas falhas tipográficas nas datações no primeiro capítulo, mas os outros contêm menos erros ortográficos, de estrutura e formato. Em quase todos os capítulos há erros de notações de milhões para mil anos, que podem criar confusão nos leitores leigos, embora os já iniciados possam perceber as diferenças. As ilustrações, apesar de monocromáticas, são razoáveis, mas deveriam ocupar mais espaço nas páginas em que aparecem e a qualidade técnica das fotos deixa a desejar. No entanto, a principal falha do livro é não ter uma bibliografia ao final, pois assim os leitores não têm como buscar as potencialmente ricas e interessantes fontes consultadas pelos autores.

Embora a publicação apresente pouco material que já não tenha sido descrito em artigos científicos da equipe, ela sintetiza bem o que já foi apresentado antes, que se encontra principalmente em inglês sendo, portanto, inacessível a muitos estudantes brasileiros. Do ponto de vista teórico, o livro expressa claramente a visão dos autores sobre a arqueologia pré-histórica das Américas, porém seria útil conhecer também sua opinião sobre os diversos estudos de genética de populações ameríndias presentes e passadas, que apresentam diferentes perspectivas sobre a origem e os padrões de migração dos primeiros americanos, e não necessariamente concordam com os dados craniométricos. No geral, o livro de Neves e Piló é de fácil leitura e não requer conhecimen-

tos antropológicos prévios para seu entendimento. Certamente será um livro útil para cursos de graduação ou pós-graduação interessados em discutir o tema, e é um livro que será também interessante para qualquer pessoa curiosa sobre a pré-história das Américas. O *Povo de Luzia* é uma boa revisão de ecologia humana, arqueologia e bioantropologia no geral, o que é bem-vindo devido à carência de textos sobre esses temas em português. Os autores, como bons mineiros, são apaixonados por sua terra e a descrevem com muito carinho e atenção, o que faz do livro uma leitura agradável.

A obra segue um formato e estrutura narrativa que lembra muito o livro *O Colar do Neandertal – Em Busca dos Primeiros Pensadores*, um excelente volume da Editora Globo sobre aquele grupo humano tão complexo e ainda motivo de acalorados debates sobre sua relação com a nossa espécie, que foi escrito por Juan Luiz Arsuaga, da Universidad de Madrid e cuja tradução foi revisada em 2005 por Neves. Ele se diferencia de outro livro sobre o mesmo tema, *Nossa Origem - O Povoamento das Américas: Visões Multidisciplinares*, lançado em 2006 pela Editora Vieira & Lent, pois enquanto *O Povo* enfoca mais os sítios e as pesquisas realizadas pela equipe dos autores, *Nossa Origem* apresenta o mesmo tema a partir de uma visão multidisciplinar, com o olhar de vários autores sobre os diversos aspectos da questão, além de uma extensa bibliografia. O volume difere muito dos livros publicados nos EUA, pois embora os trabalhos de Neves e sua equipe tenham sido publicados

internacionalmente (Neves et al 1995, 2007, Powell & Neves 1999, Neves & Hubbe 2005), ainda há muita resistência, especialmente naquele país, a incluir o paradigma Luzia na discussão sobre os primeiros americanos. Em congressos recentes de antropologia física e biologia humana nos EUA, de cerca de uma dezena de livros novos a venda sobre o tema, observei que nenhum deles dedica mais do que uma sentença ao material de Lagoa Santa, e a maioria nem o menciona. Tal discriminação, ou ignorância, se quisermos ser benevolentes, por parte da comunidade antropológica estadunidense é uma pena. Assim como os estudantes brasileiros, eles também deveriam ler *O Povo de Luzia*.

REFERÊNCIAS

De Souza, S.M.F.M., C. Rodrigues-Carvalho, Silva, H.P. & M. Locks. 2006. Revisitando a discussão sobre o quaternário de Lagoa Santa e o povoamento da América: 160 anos de debates científicos, in *Nossa Origem - O Povoamento das Américas: Visões Multidisciplinares*, pp.19-43. Editado por H. P. Silva & C. Rodrigues-Carvalho. Rio: Vieira & Lent.

Goulart, E.M.A. 2006. *De Lucy a Luzia - a longa jornada da África ao Brasil*. Belo Horizonte: Coopmed.

Guidon, N. 2005. FUNDHAMENTOS VII. *Resenha de Publicações sobre o Povoamento das Américas*. Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/fumdhamentos7/artigos/Resenha.pdf>

Hubbe, M.O.R., E.T.M.Azevedo, J.P.V. Atui, W.A. Neves, 2003. *A Primeira Descoberta das Américas*. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética.

Neves, W.A. & M.O.R. Hubbe. 2005. Cranial morphology of early Americans from Lagoa Santa, Brazil: implications for the settlement of the New World. *PNAS - Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America* 102: 51 (18309-18314).

Neves, W.A., M.O.R. Hubbe & L.B. Piló. 2007. Early Holocene human skeletal remains from Sumidouro Cave, Lagoa Santa, Brazil: History of discoveries, geological and chronological context, and comparative cranial morphology. *Journal of Human Evolution* 52:16-30.

Neves, W.A., D. Munford, & M.C. Zanini. 1995. Human cranial variation in South America: Implications for the settlement of the New World. *Brazilian Journal of Genetics* 18(4): 673-688.

Pena, S.D. (Org). 2002. *Homo brasiliis: Aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: Funpec.

Powell, J.F. & W.A. Neves. 1999. Craniofacial morphology of the First Americans: patterns and process in the peopling of the New World. *Yearbook of Physical Anthropology* 42(153-188).

Silva, H.P. & C. Rodrigues-Carvalho (Orgs.) 2006. *Nossa Origem. O Povoamento das Américas: Visões Multidisciplinares*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent.